



VÍNCULOS QUE ENSINAM: um relato de experiência sobre a afetividade no cotidiano da educação infantil

SALES, Edith Marcião¹

MACIEL, Marcia Cristina²

MENDONÇA, Leidiane Silva de Souza³

FURTADO, Munique Vilarinho⁴

MACHADO, Marilândia Martins de Almeida⁵

RESUMO: O presente relato de experiência tem como objetivo central investigar a dimensão da afetividade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, alicerçado nas vivências proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, estruturada por meio da observação participante e registros em diários de campo, tendo como cenário uma turma do Pré I da Escola Marise Castiel, em Porto Velho, Rondônia. O foco narrativo concentra-se no conceito de acolhimento e na prática sensível docente como eixos estruturantes do processo de ensino-aprendizagem. Os resultados evidenciam que a afetividade transcende o carinho espontâneo, configurando-se como uma postura pedagógica intencional e ética que potencializa o desenvolvimento integral. Observou-se que gestos como o agachar-se para estabelecer contato visual e a validação das descobertas infantis promovem um ambiente de segurança ontológica indispensável à exploração cognitiva. A imersão no cotidiano escolar revelou a interdependência entre emoção e cognição, demonstrando que o vínculo seguro entre a professora regente e o grupo de crianças é o catalisador para a efetivação dos seis direitos de aprendizagem preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conclui-se que a experiência no PIBID é fundamental para a formação de uma identidade docente comprometida com a boniteza do ensinar e com a escuta atenta das infâncias rondonienses. O estudo reafirma que o acolhimento não é apenas uma estratégia de manejo, mas o próprio alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento humano, transformando a escola em um legítimo espaço de vida e subjetividade transformadora e emancipatória para todos os envolvidos no processo educacional.

Palavras-chave: afetividade; aprendizagem; educação infantil; PIBID.

¹Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do PIBID, IFRO, Campus Porto Velho Zona Norte, Edithsalles.kn@gmail.com

²Graduanda em Licenciatura em pedagogia, Bolsista PIBID, IFRO Campus Porto Velho Zona Norte, mmaciell14@hotmail.com

³Graduanda em Licenciatura em pedagogia, Bolsista PIBID, IFRO, Campus Porto Velho Zona Norte, leidiane.mendonca@estudante.ifro.edu.br

⁴Supervisora do PIBID, IFRO, Campus Porto Velho Zona Norte, munique.furtadoo@gmail.com

⁵ Mestre em Educação, coordenadora de área, PIBID – Pedagogia, IFRO, Campus Porto Velho Zona Norte, marilandia.machado@ifro.edu.br.



1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano na primeira infância é tecida por fios invisíveis, mas inquebrantáveis, de natureza socioafetiva. No cenário contemporâneo da Educação Infantil, a compreensão da criança como sujeito histórico e de direitos exige uma revisão profunda do papel da afetividade no interior das instituições escolares. Longe de ser um adendo romântico à prática pedagógica, a dimensão afetiva constitui a base neurobiológica e psicossocial sobre a qual se erguem os processos de cognição complexa.

Ao iniciarmos este relato, fundamentado na imersão propiciada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Marise Castiel, em Porto Velho, propomo-nos a analisar como o acolhimento e o vínculo pedagógico atuam como mediadores da aprendizagem significativa. Sob a nossa ótica acadêmica, a afetividade deve ser entendida como uma práxis intencional que permite à criança transitar do seio familiar para o espaço público da escola com segurança e autonomia.

Nesse contexto, compreendemos que o diálogo e a construção do conhecimento só se tornam possíveis em ambientes onde há confiança, escuta e reconhecimento das singularidades infantis. A afetividade, portanto, atravessa o currículo e se manifesta nas interações cotidianas, nos gestos, na organização do espaço e na postura docente.

A Educação Infantil, estruturada a partir das interações e das brincadeiras, demanda uma ambiência emocional que sustente o desenvolvimento integral das crianças. Assim, o acolhimento não se limita aos momentos iniciais de adaptação, mas constitui uma prática contínua que favorece o engajamento, a curiosidade e a autonomia.

Dessa forma, este trabalho busca analisar, a partir da vivência no contexto escolar, como a afetividade se concretiza nas práticas pedagógicas e como ela contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem significativo, humano e inclusivo.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico deste trabalho desenhou-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa, fundamentado na fenomenologia da prática



cotidiana. A opção pelo relato de experiência justifica-se pela necessidade de descrever e analisar criticamente as vivências subjetivas que emergem do contato direto com o chão da escola. O cenário da investigação foi a Escola Marise Castiel, localizada na zona norte de Porto Velho, Rondônia, uma instituição que se destaca pela sua inserção comunitária e pelo compromisso com a formação de professores através do PIBID. A imersão permitiu um olhar minucioso sobre a dinâmica de uma turma de Pré I, composta por crianças em fase de intensa descoberta social e cognitiva.

A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante, método que exige do pesquisador uma "presença implicada". Durante as atividades na Escola Marise Castiel, as autoras não foram meras espectadoras, mas integraram-se sensivelmente às rotinas, rodas de conversa e momentos lúdicos. O instrumento principal de registro foi o diário de campo, no qual foram anotadas descrições densas sobre a postura da professora regente, as reações do grupo de crianças e a atmosfera emocional da sala de aula. Esse registro sistemático permitiu capturar o que a literatura chama de "microgeografias do afeto" gestos sutis, tons de voz e trocas de olhares que, embora efêmeros, são fundamentais para a construção do vínculo pedagógico.

O rigor da pesquisa qualitativa foi assegurado pela triangulação das observações com o referencial teórico atualizado e com a análise documental da BNCC. A imersão via PIBID proporcionou uma perspectiva longitudinal, permitindo observar a evolução dos vínculos afetivos ao longo do tempo. O processo analítico buscou identificar padrões de acolhimento e práticas de mediação que evidenciassem a afetividade em ação. Sob a nossa análise metodológica, este relato não é apenas uma descrição de eventos, mas uma reconstrução reflexiva da realidade escolar, onde a teoria é testada e revitalizada pelo calor das interações humanas na realidade amazônica.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados colhidos durante a imersão na Escola Marise Castiel revelam que a afetividade é a argamassa que sustenta o cotidiano pedagógico. A prática da professora regente demonstrou que o acolhimento não se encerra na recepção das



crianças no portão; ele permeia o planejamento das atividades, a organização do espaço e a gestão dos conflitos. Notamos que o grupo de crianças responde de maneira distinta quando a intervenção docente é carregada de intencionalidade afetiva.

Essa compreensão dialoga com a perspectiva de que não há ensino sem uma dimensão ética e relacional, na qual o compromisso com o desenvolvimento do outro se expressa também na sensibilidade do educador. Nesse sentido, a prática observada aproxima-se de uma concepção de docência que valoriza a relação humana como fundamento do processo educativo.

Figura 1 – Atividade pedagógica de exploração da mistura de cores realizada com alunos da Educação Infantil.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

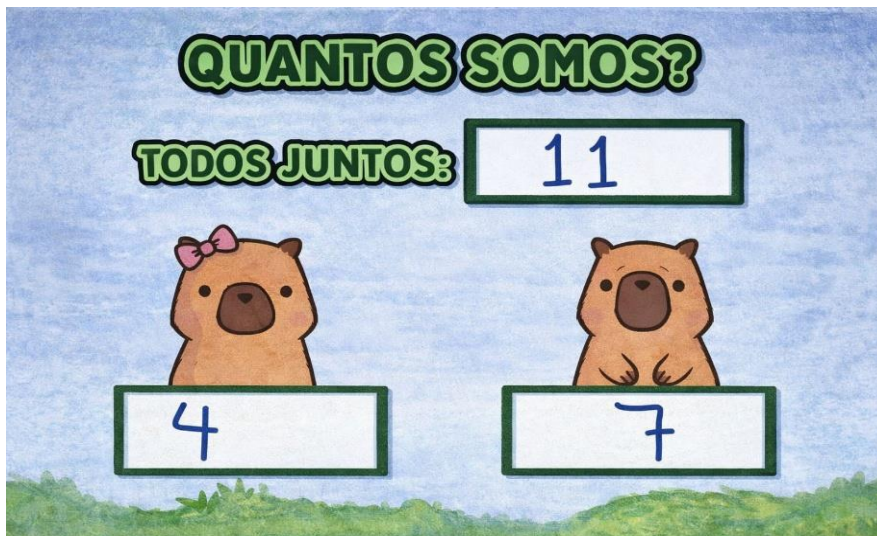
A análise da Figura 1, que documenta a exploração das misturas de cores, oferece um vislumbre vívido da afetividade em sua dimensão tátil e presencial. A cena desenrola-se em um ambiente saturado pelo cheiro de guache e pela excitação das descobertas. Diante de uma criança que hesitava em mergulhar o pincel na cor azul, temendo o erro ou a sujeira, a professora realizou o gesto fundamental de agachar-se para ficar na altura da criança. Esse movimento de descida física é, em essência, um movimento de ascensão pedagógica, pois estabelece uma horizontalidade que gera confiança. Houve um toque suave no ombro, uma pressão quase imperceptível que funcionou como um ancoradouro emocional, encorajando a mistura das tintas. A paciência com o erro, demonstrada quando a cor resultante não era a esperada,



transformou o que poderia ser uma frustração em uma lição sobre a imprevisibilidade da ciência e da arte. Percebemos que essa postura valida a autonomia investigativa, ensinando à criança que sua curiosidade é protegida pelo olhar docente.

Tal postura pode ser compreendida à luz da concepção de ensino que valoriza a relação dialógica e respeitosa entre professor e aluno, na qual o educador reconhece a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Além disso, ao considerar o erro como parte do processo, a docente contribui para a construção de um ambiente emocionalmente seguro, condição essencial para o desenvolvimento cognitivo. Estudos recentes apontam que a aprendizagem está diretamente vinculada à regulação emocional, sendo o ambiente afetivo um facilitador para a construção do conhecimento (Pereira, 2022). Percebemos que essa postura valida a autonomia investigativa, ensinando à criança que sua curiosidade é protegida pelo olhar docente.

Figura 2 – Atividade de contagem realizada com os alunos da turma do Pré I para trabalhar a noção de quantidade.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

Na Figura 2, que retrata a atividade de contagem e construção da noção de quantidade, a afetividade manifesta-se através da linguagem e da validação simbólica. O grupo de crianças estava reunido em volta de pequenos objetos coloridos, e o desafio era associar o símbolo numérico à quantidade física. O olhar atento da professora agia como um farol, acompanhando o movimento hesitante de cada pequena mão. Quando um aluno conseguia realizar a contagem correta, o sorriso de



aprovação da docente não era apenas um reforço positivo mecânico, mas um prêmio afetivo que fortalecia o vínculo de confiança.

O tom de voz suave e a validação das conquistas das crianças reforçam a ideia de que a aprendizagem ocorre em interação com o outro, especialmente quando mediada por um adulto mais experiente. Essa dinâmica pode ser compreendida a partir do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, no qual o desenvolvimento cognitivo é impulsionado pela mediação social qualificada (Vygotsky, 1998).

Nesse contexto, a afetividade não é um elemento secundário, mas constitutivo da mediação pedagógica, pois é por meio dela que a criança se sente capaz de enfrentar desafios e avançar em seu processo de aprendizagem.

Para sistematizar a riqueza dessas observações, organizamos o Quadro 1, que sintetiza a correlação entre as ações pedagógicas e a dimensão do acolhimento.

Quadro 1: Análise das Práticas Pedagógicas e Dimensão Afetiva

Atividade Observada	Objetivo Pedagógico	Dimensão Afetiva/Acolhimento
Exploração de Cores	Desenvolver percepção visual e experimentação estética.	Agachar-se ao nível da criança; toque físico encorajador e paciência com resultados inesperados.
Atividade de Contagem	Construir noções de raciocínio lógico e correspondência numérica.	Olhar atento que valida a descoberta; tom de voz suave que reduz a ansiedade cognitiva.
Rodas de Conversa	Estimular a linguagem oral e a escuta ativa no coletivo.	Escuta interessada da docente; validação das falas e respeito ao tempo de cada criança.
Momentos Lúdicos	Promover a socialização, o brincar e o conviver.	Participação da docente na brincadeira, atuando como mediadora sensível de conflitos.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

A análise dos dados do Quadro 1 evidencia que a prática sensível não é um momento isolado, mas uma constante que atravessa diferentes campos de experiência. Essa perspectiva está em consonância com a organização curricular da Educação Infantil, que prioriza as interações e as vivências como eixo estruturante do desenvolvimento infantil (Brasil, 2018).

Observou-se que, nas rodas de conversa, a docente não apenas esperava o silêncio, mas criava um ambiente de escuta genuína. Essa postura reflete uma prática



pedagógica que reconhece a importância da valorização da fala da criança como forma de construção de identidade e pertencimento social.

Na gestão de conflitos, a prática docente observada também evidencia uma abordagem que privilegia o diálogo e o reconhecimento das emoções. Essa postura aproxima-se das discussões contemporâneas sobre a pedagogia do acolhimento, que defendem a necessidade de uma atuação intencional e planejada do professor na construção de ambientes emocionalmente seguros (Moraes, 2023).

Ao ajudar a criança a nomear seus sentimentos, a professora contribui para o desenvolvimento da autorregulação emocional, elemento fundamental para a convivência social e para a aprendizagem.

Por fim, a reflexão sobre os resultados aponta para a necessidade de uma formação docente que não dissocie cognição e afetividade. A experiência no PIBID demonstra que a prática pedagógica eficaz está diretamente relacionada à capacidade do professor de estabelecer vínculos significativos com seus alunos. Essa compreensão também se articula com a ideia de que a construção da identidade infantil depende das interações estabelecidas com os adultos de referência, sendo o professor um mediador essencial nesse processo (Cavalcante, 2020).

Concluimos que a prática pedagógica na Educação Infantil é uma forma de atuação complexa, na qual o conhecimento se constrói a partir das relações. A afetividade, nesse contexto, configura-se como elemento estruturante do processo educativo, contribuindo para uma aprendizagem significativa e para o desenvolvimento integral das crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de observação e reflexão empreendida neste relato de experiência permitiu descortinar a afetividade como a viga mestra da Educação Infantil. Ao mergulharmos no cotidiano da Escola Marise Castiel, em Porto Velho, sob a égide do PIBID, constatamos que o acolhimento não é um prelúdio para a aprendizagem, mas o seu próprio oxigênio. A afetividade transforma o ambiente escolar em um ecossistema de segurança ontológica, onde a criança se sente autorizada a ser, a criar e a investigar o mundo sem o temor do julgamento. Essa base emocional é o que garante a efetividade dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento



preconizados pela BNCC, integrando o cognitivo e o sensível em uma unidade indissociável.

Reafirmamos que a postura intencional da professora regente manifestada no agachar-se para ouvir, no toque suave que encoraja e no olhar atento que válida configura-se como uma ética pedagógica superior. A imersão no PIBID foi vital para compreendermos que a formação docente deve ir além dos conteúdos programáticos, exigindo o refinamento de uma sensibilidade que permita ler as entrelinhas das infâncias. A experiência em Porto Velho demonstra que, mesmo diante de desafios estruturais, a "boniteza" do ensinar freiriana floresce quando o docente se coloca como um mediador de vínculos seguros e significativos.

Em síntese, o legado desta vivência é a certeza de que não há desenvolvimento integral sem o suporte de uma pedagogia do afeto. O vínculo professor-aluno é, em última análise, o alicerce sobre o qual se constrói o desejo de conhecer e a capacidade de conviver. Para nós, acadêmicas em formação, fica o compromisso de exercer uma docência que não apenas informa, mas que transforma a realidade através do acolhimento. Concluímos este trabalho com a convicção de que o PIBID nos ensinou a lição mais valiosa da pedagogia: o saber só se torna luz quando é mediado pelo calor de um encontro humano genuíno, pois educar é, acima de tudo, a arte de semear esperança no terreno fértil da afetividade.

5 AGRADECIMENTOS

À professora regente da turma observada, pela acolhida generosa, pela mentoria exemplar e por compartilhar sua sabedoria prática sobre a amorosidade no cotidiano escolar.

À Escola Marise Castiel, pela abertura institucional e por proporcionar um ambiente rico para a formação de novos docentes na rede pública de Porto Velho.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo fomento essencial, suporte metodológico e por acreditar na formação docente como motor de transformação social.



Ao grupo de crianças, cujas risadas, descobertas e afetos foram a maior fonte de aprendizado desta jornada, ensinando-nos o verdadeiro sentido da pedagogia da infância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. R. **Afetividade e desenvolvimento cognitivo: novas perspectivas na educação infantil**. Rio de Janeiro: Editora Científica, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17 abr. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_005.pdf. Acesso em: 17 abr. 2026.

CAVALCANTE, M. G. **Os campos de experiências na BNCC e a dimensão socioafetiva**. São Paulo: Penso, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, B. J. **O PIBID como espaço de formação ética e sensível: relatos da região norte**. Manaus: Edua, 2021.

MORAES, F. T. **Pedagogia do acolhimento: a afetividade como postura intencional**. Curitiba: Appris, 2023.

OLIVEIRA, C. S.; SILVA, R. M. **Interações e afetividade na primeira infância: um estudo qualitativo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PEREIRA, A. L. **Neurociência e educação: o papel das emoções na aprendizagem infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2022.

SANTOS, A. P. **O acolhimento na educação infantil: práticas e reflexões**. Revista Brasileira de Pedagogia da Infância, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Revista+Brasileira+de+Pedagogia+da+Infancia+Santos+2022>. Acesso em: 17 abr. 2026.



SILVA, J. R.; SANTOS, M. L. **A mediação afetiva no contexto do Pré-I: entre a teoria e a prática.** Revista Contemporânea de Educação, v. 18, n. 41, p. 112-130, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/>. Acesso em: 17 abr. 2026.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.